

ESPAÇOS E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MORRO DO FORTUNATO – GAROPABA – SC

MAURICÉLIA TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE*
PAULINO DE JESUS FRANCISCO CARDOSO**

RESUMO

Este artigo lança mão das memórias de moradores da Comunidade de Remanescentes de Quilombo do Morro do Fortunato, localizada no Norte do município de Garopaba – SC, no bairro Macacu, procurando, através das narrativas, delinear os acontecimentos que possibilitaram a formação do grupo. Dessa forma, a metodologia da História Oral é o aporte teórico que dá sustentação ao estudo. Vale lembrar que estudos referentes à problemática afro-brasileira encontram lugar de destaque na contemporaneidade, pois os afro-brasileiros fizeram-se presentes em diferentes espaços com seus costumes, sua religiosidade e seu trabalho, desempenhando, desde os primeiros momentos da colonização, papel fundamental na formação étnica e cultural brasileira.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Identidade. Identificação. Comunidade Quilombola.

ABSTRACT

This paper focuses the memories of residents in the Community of Black Remnants of Morro do Fortunato Quilombo, in the North of the city of Garopaba, State of Santa Catarina, Brazil, in the neighborhood of Macacú and its surroundings. As from these narratives, the events that made possible such group are outlined. The methodology of Oral History is the theoretical basis that supports the study. It is worth remembering that studies on the Afro-Brazilian issue find place in contemporary times because the Afro-Brazilians have taken part in different spaces with their habits, their religion and their work, and they have played, since the early days of colonization, an important role on the ethnic and cultural formation of Brazil.

Keywords: Oral History. Memory. Identity. Identification. Quilombola Community.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

** Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; doutor em História pela PUCSP; presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB/UDESC; paulino.cardoso@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se à formação da Comunidade de Remanescentes de Quilombo do Morro do Fortunato, localizada no Norte do município de Garopaba – SC, no bairro Macacu. As discussões giram em torno da constituição histórica do grupo e dos aspectos que garantiram a coesão e sua permanência naquele espaço. Nesse sentido, recorre-se às memórias de moradores da comunidade e de seu entorno, buscando, por meio das narrativas, apresentar os acontecimentos que possibilitaram tal formação. Assim, para dar sustentação teórica à pesquisa, trabalha-se com as categorias: Identidade / Identificação, Memória e Experiências. A construção identitária desse grupo não está naturalmente dada, ela é construída por meio de escolhas e confrontos. Os estudos que abrangem a problemática afro-brasileira encontram lugar de destaque na contemporaneidade.

O presente artigo tem como finalidade mapear os espaços de sociabilidades da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, no município de Garopaba. A comunidade caracteriza-se como quilombo contemporâneo, e sua constituição está marcada pela comum herança com o passado escravista e por formas culturalmente específicas como a coletividade e o compadrio. Essas características são visíveis pelas vivências e por experiências de organização social diretamente relacionada ao direito à terra, por formas de consanguinidade e parentesco.

Constituída por descendentes de escravos, a Comunidade do Morro do Fortunato ainda contempla alguns dos hábitos e costumes dos antepassados, reconstituídos, ao longo do tempo, por força da tradição, como a produção familiar de gêneros alimentícios utilizando utensílios muitas vezes improvisados, mas que, juntamente com o trabalho assalariado, garante a sobrevivência do grupo e a manutenção da cultura herdada de seus antecessores.

A TRAJETÓRIA DO CONCEITO DE QUILOMBO

Não poderíamos iniciar tal discussão sem deixar bastante clara a trajetória do conceito de quilombo e suas transformações. Assim, como ponto de partida, sentiu-se necessidade de entender acerca da construção histórica dos quilombos, pois, no decorrer da história do Brasil, ocorreram várias análises e interpretações referentes ao conceito de quilombo.

O conceito de quilombo abarca diferentes tempos e espaços na historiografia brasileira. No século XVI, o conceito de quilombo foi inicialmente identificado pelos cronistas e autoridades como algo “danoso” à sociedade. No decorrer do período colonial e imperial, esteve associado à resistência e à fuga, na intenção de enfraquecer ou até mesmo extinguir o regime escravista.

Já na segunda década do século XX, o termo quilombo foi rebuscado por estudiosos principalmente marxistas ou simpatizantes ao marxismo, como expressão singular da luta de classes. Entretanto, a partir de 1988, após a promulgação da Constituição, o conceito de quilombo foi reinterpretado, adquirindo nova significação.

A definição histórica do conceito de quilombo é vista ainda muitas vezes estereotipada, no senso comum, calcada na ideia de fuga ou negros fugitivos. Atualmente, diversos discursos e debates políticos foram produzidos acerca desses conceitos estereotipados.

Iniciou um largo processo de recuperação e reenquadramento da memória até então recalçada, e a revelação de laços históricos entre comunidades contemporâneas e grupos de escravos que, de diferentes formas e em diferentes momentos, teriam conseguido impor sua liberdade à ordem escravista. (ARRUTI, 2006, p. 28).

Através desses processos de “reenquadramento” da memória e dos debates em questão, o conceito de quilombo passou a abranger realidades de grupos cada vez mais distintos. As áreas territoriais dos grupos remanescentes de quilombo foram ocupadas de diversas maneiras e em ocasiões e contextos bastante diferentes. Muitos dos escravos livres e seus descendentes ocuparam-nas não necessariamente porque para lá fugiram, mas sim, porque foram áreas de terras conquistadas, ofertadas, compradas ou adquiridas de diferentes maneiras. Enfim, revelando a pluralidade nos modos de obtenção e ocupação das terras dos grupos que possuem em comum herança com o passado escravista. Quilombo é, então, definido como sendo “uma experiência coletiva, não só dos africanos, mas de seus descendentes, somados às tantas experiência trocadas em seu interior pelos diferentes sujeitos [...]”. (MUNANGA, 2004, p. 72).

Nessa nova perspectiva, o termo quilombo, também defendido em legislação, excede a história baseada na fuga dos escravos. Fundamentado numa perspectiva contemporânea, dentro de uma visão mais ampliada, o conceito de quilombo gira em torno de novos desafios, a luta pela posse definitiva da terra e a preservação da

cultura que reúne um verdadeiro universo de tradições. Assim, o conceito de quilombo adquiriu novas interpretações:

O Quilombo passa a significar um tipo particular de experiência, cujo alvo recai sobre a valorização das inúmeras formas de recuperação da identidade positiva, a busca por tornar-se um cidadão de direitos, não apenas de deveres. Enquanto uma forma de organização, o Quilombo viabiliza novas políticas e estratégias de reconhecimento. (LEITE, 2000, p. 19).

Percebe-se na interpretação da autora que a história dos quilombos foi e é uma história de luta e de resistência, semelhante à das comunidades quilombolas atuais, que lutam pelo direito à terra, à cidadania e ao respeito. Portanto, as novas interpretações acerca dos quilombos significam para a sociedade brasileira “sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente apenas um passado a ser rememorado” (LEITE, 2000, p. 6).

Conhecer os quilombos e as comunidades quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção. Acerca das considerações referentes ao conceito de quilombo, pode-se afirmar que este tem passado atualmente por vários questionamentos, diferindo da ideia de fuga e de rebeldia que muitos estudiosos conheciam ou referendavam.

A discussão sobre os quilombos contemporâneos foi trazida à tona pelo movimento negro, principalmente nos anos de 1970, como parte do contexto da luta contra o preconceito racial. Essa grande batalha se deve ao aprendizado intelectual de vários autores como Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Kabengele Munanga, entre outros. Um dos objetivos dessa luta foi enfatizar os quilombos como ícones da resistência negra. Nesse sentido, Abdias do Nascimento afirma que “Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão espiritual” (2002, p. 272). Seguindo o pensamento de Abdias, os quilombos são locais de liberdade e de modernização dos laços étnicos e ancestrais, constituindo a única via segura para modificar o discurso e conduzir a uma nova consciência em relação à cultura e identidade africana.

IDENTIFICAÇÃO E AUTORRECONHECIMENTO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO DO FORTUNATO

Para garantir direitos a essa comunidade, é importante entendermos o contexto histórico em que se originou cada

experiência. E para entender sentidos e como eram reelaboradas as práticas cotidianas e a noção de “experiência”, é importante nos reportarmos a E. P. Thompson. Dessa forma, compreendemos os grupos remanescentes de quilombos em seu caráter social apontado pela historiografia, percebemos os sujeitos nas suas multiplicidades de experiências e vivências “experimentando suas próprias experiências na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas” (THOMPSON, 1981, p. 182-189). Ou seja, práticas cotidianas que possibilitem a garantia de direitos a essas comunidades, valorizando cada experiência vivenciada.

É importante destacar que os membros e lideranças da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato atualmente vêm rompendo com a história tradicional centrada nos “antigos discursos políticos” que lhes determinavam as regras e os caminhos que tinham que trilhar. Na última década, alguns diálogos foram estabelecidos nessa comunidade com o objetivo de sensibilizar os moradores da importância da identificação e reconhecimento da identidade como Comunidade Quilombola e, principalmente, de seus direitos. A partir dessas reflexões, passaram a pensar sobre os diferentes usos da memória e da história na mobilização pelo direito à terra e pelo reconhecimento como remanescente de quilombo perante as agências federais vinculadas a essa temática.

Este estudo busca ainda, e mais especificamente, compreender a formação espacial e as práticas de sociabilidade da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, em Garopaba. E para que o presente trabalho tenha respaldo acadêmico e possa contribuir com a construção histórica do grupo, é necessária a colaboração dos moradores e vizinhos da Comunidade Quilombola, pois se sabe que uma das principais ferramentas do conhecimento está nos depoimentos e nas memórias desses moradores. Ainda com relação à memória, concordamos que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 200). E, “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado e quem tem acesso pode reter objetos que são, para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 2004, p. 411).

Em se tratando de vivências quilombolas, o diálogo entre as fontes passa a contemplar experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, que tendem a se completar mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum – a luta pela afirmação de uma identidade. Minha intenção não é

tentar a tarefa impossível de estabelecer a “verdade dos fatos”, mas sim mostrar o que se pode registrar e analisar a partir do lugar em que o sujeito se situa como agente histórico e como historiador.

Com o intuito de conhecer as vivências dos moradores da Comunidade Quilombola da Aldeia, a história oral é um procedimento, um caminho ou um fio condutor das tramas da memória, das experiências de vida em um espaço no qual a oralidade predomina. “A História Oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado” (DELGADO, 2006, p. 52). Nesse sentido, os testemunhos e os relatos orais tornaram-se as fontes principais a serem trabalhadas. Nessa perspectiva, a categoria memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes; “é o sujeito que lembra” (HALBWACHS, 1990, p. 80).

A memória é algo que se diferencia do presente, mas, ao mesmo tempo, compõe-no. Assim como a memória, também o passado é entendido dentro do pensamento ocidental como um âmbito temporal distinto do presente. A memória é um dos caminhos para o conhecimento do passado. Nesse sentido, o maior desafio da história oral, tomando como empréstimo a interpretação de Walter Benjamin sobre a memória, é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas.

Ressalta-se que a memória tem várias funções: toda nossa consciência do passado está fundada na memória; através das lembranças recuperamos acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem do hoje e confirmamos que já vivemos um passado. “A memória, portanto, traduz registro de espaços, tempos, experiências, imagem, e representações” (DELGADO, 2006, p. 61). Ou seja, o passado muitas vezes nos ajuda a entender o contexto vivido, como também nos ajuda a construir um futuro mais significativo.

Nesse viés, a categoria identidade / Identificação vem complementar e até mesmo de forma intrínseca, estabelecer os contornos das particularidades pertinentes da Comunidade Quilombola em questão: Morro do Fortunato. A construção identitária desse grupo não está naturalmente dada, ela é construída por meio de escolhas e confrontos. Nesse sentido, pensamos que “existe uma ‘crise de identidade’ abalando as estruturas do homem pós-moderno” (HALL, 2006, p. 2). As fronteiras bem definidas do homem da sociedade moderna o localizavam e o definiam no ‘mundo social e cultural’, premissa que fora abalada na modernidade tardia com o descentramento das identidades modernas.

Assim, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. (HALL, 2006, p. 13). Entende-se então que as tradições e os valores são reinventados pelas novas gerações que são mais susceptíveis, dos meios informacionais e pelas políticas implantadas pelos órgãos institucionais. O autor ainda ressalta que na pós-modernidade o que se pode chamar de identidade fixa é aquela que consolidava o homem moderno, não se ampara devido às próprias modificações históricas de ordens ‘estruturais e institucionais’.

Sendo assim, a identificação seria o processo pelo qual nos projetamos em nossas identidades, identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Ou seja, as velhas identidades estão em declínio e as novas identidades permitindo as múltiplas fragmentações. Possibilitando aos sujeitos pós-modernos não terem uma identidade fixa, essencial ou permanente, ou seja, há uma crise de identidade, pois “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 12-13).

Os estudos sobre processo de identidade cultural enaltecem as reflexões sobre as experiências vivenciadas pelo grupo em estudo. Ou seja, ressaltam os múltiplos fios das culturas e tradições estabelecidas e vivenciadas por eles, na perspectiva da teoria de uma identidade híbrida. “O sujeito previamente vivido dentro de uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

Sabe-se que as hibridações podem ocorrer de formas variadas, vejamos uma delas:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. (CANCLINI, 2008, p. 22).

Além disso, no caso específico dos quilombos, existem lutas identitárias, pois existem as disputas internas, as versões acerca do “mito de fundação” a serem aceitas por todos, enfim, uma gama

bastante complexa de olhares e opiniões que se engendram para construir a face identitária do grupo.

Nesse sentido, é importante destacar certas considerações acerca do momento histórico que vivemos: “encontramo-nos no momento em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passadas e presentes, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998, p. 19). Tendo em vista o pensamento do Homi K. Bhabha sobre a complexidade do processo histórico identitário em que vivemos, compreendemos que os movimentos de identidade cultural enfrentam a superação das referências nacionais ou raciais, os seus essencialismos em favor de culturas locais, culturas de grupos, culturas de gênero, culturas de movimentos e tantas outras culturas.

Ressaltamos, portanto, a importância que vários grupos e partidos políticos tiveram colocando em cena, dando visibilidade a novas configurações de autorrepresentação cultural. Ou seja, processos de identidade e diferença são mutuamente dependentes. Todo grupo social específico ao se posicionar socialmente como sujeito de uma determinada tradição cultural reinventa ou assume uma nova identidade. Sendo assim, viver uma identidade abrange construí-la também.

No entanto, as tradições também podem ser inventadas e ou se transformarem ao longo do tempo. A tradição inventada tenta, sempre que possível, estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. Ou seja, pode ser entendida como um conjunto de práticas reguladas por regras de natureza ritual ou simbólica aceitas pelo grupo, que visam sugerir certos valores e normas de comportamentos a partir da repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado. Na medida em que as práticas passam a ser um hábito, a partir da repetição, resgata-se um passado histórico, no qual tais práticas fazem referência ao grupo.

Assim, as culturas não correspondem a fronteiras espaciais ou temporais. Não estabelecem obstáculos de nação ou de raça. Tampouco reproduzem valores essenciais de antigas tradições como um princípio histórico. As tradições, as culturas são escancaradas ao diálogo e às trocas. A dinâmica das identidades e formações culturais é totalmente livre e não segue um fio condutor pronto que orienta sua trajetória cultural. Ou seja, as práticas culturais trocam, intercambiam-se, conflitam-se, metamorfoseiam-se permanentemente. Nesse sentido, entendemos as reinvenções culturais e identitárias dos grupos sociais, principalmente da comunidade quilombola em estudo.

CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MORRO DO FORTUNATO E OS ASPECTOS QUE GARANTIRAM A COESÃO E A PERMANÊNCIA NESSE ESPAÇO

No litoral de Santa Catarina, município de Garopaba, numa altitude compreendida entre 100 e 200 metros, existe, há mais de cem anos, uma comunidade negra denominada “Família do Fortunato”, na localidade conhecida como Morro do Fortunato, no bairro de Macacu. Segundo Miriam Furtado Hartung (1992), “o nome Fortunato é decorrente da união de duas palavras: Fortuna e Nato, podendo-se dar a ele o significado de nascido na fortuna”.

Numa análise mais profunda acerca do nome do grupo social em estudo, pode-se sugerir que o nome traz à memória do grupo a imagem de um dos seus ancestrais e fundador: Fortunato Justino Machado. Os membros tinham-no como responsável pela comunidade, sendo ele considerado homem de boa índole, sensato e rico, imagem que foi construída a partir de valores instituídos pela comunidade. O nome Fortunato evoca, portanto, esse conjunto de valores, de virtudes, que se propagaram na defesa do grupo. Declara Maurílio Machado, bisneto de Fortunato e presidente da Associação de Moradores da Comunidade:

Meu bisavô Fortunato Justino Machado foi um homem rico. No início quando veio morar aqui no Morro não, tudo foi difícil para ele. Para criar os filhos passou bastante dificuldade, mas depois se tornou um homem rico, pois no Morro tinha mais de 20 mil pés de café. Dizem aqui no Morro que ele até emprestava dinheiro para os homens brancos do centro da cidade de Garopaba¹.

Essa imagem de homem trabalhador e rico, a que os moradores do grupo aludem, é fundamentada na trajetória do grupo, já que, quando de sua constituição, havia uma crise econômica. Joana Maria de Jesus, mãe de Fortunato Machado, ficou sozinha com um menino de dez anos de idade naquele “mato”, isolada de vizinhos e com poucos meios de produção. Pode-se inferir que o próprio Marcos Vieira, seu antigo senhor, auxiliou-a para sustentar seu filho até que se tornasse capaz e em condições de assumir a casa. Segundo a Sra. Jordina Machado (82 anos), moradora da comunidade,

Meu avô Fortunato Justino Machado foi um moço que se casou

¹ Entrevista realizada na residência do Sr. Maurílio Machado, na Rua Geral do Morro do Fortunato, Macacú, Garopaba/SC, em 16/02/2013.

muito cedo, casou-se com Luiza Cristina de Jesus, moça que veio de Imbituba, e tiveram oito filhos: João Fortunato Machado, Lourenço Machado, Manoel Machado, Alice Machado, Anastácio Machado, Daniel Machado, Inácio Machado, e tem mais um menino que morreu solteiro. Não devia ser fácil, naquele tempo, criar uma família tão grande².

A fala da Sra. Jordina vem a corroborar que a situação financeira da família do Sr. Fortunato no início da formação do grupo não era nada fácil, pois criar sete filhos, numa época em que não havia uma estrutura econômica e social estabilizada, era muito desafiador. Com os filhos em fase de crescimento, havia a perspectiva de que se tornassem capazes de colaborar com o trabalho coletivo. De fato, até que atingissem o “ponto” de trabalhar, muitas dificuldades foram enfrentadas.

Em relação à ênfase da riqueza do Sr. Fortunato, infere-se que seja referente ao trabalho do grupo, após seus filhos estarem criados e coletivamente produzirem sua própria economia. Durante décadas, os moradores do Morro do Fortunato viveram sob a economia de subsistência, destacando-se a seguinte produção: cana-de-açúcar (açúcar, cachaça e melado), feijão, milho, amendoim, mandioca, sabão, criação de gado e de galinha. Ainda hoje, muitos moradores desenvolvem práticas na área rural contemplando desde a criação de gado ao cultivo de cana-de-açúcar. Além disso, a “grandeza” da comunidade foi o café. Segundo o Sr. Laudelino Antônio Teixeira,

Em Garopaba tinha algumas famílias produtoras de café e o Morro do Fortunato era uma das comunidades que produziam muito café. Esta produção era transportada para o centro do município, negociada com o comércio local e embarcada para Florianópolis³.

A área onde se localiza o Morro do Fortunato é constituída por dois núcleos residenciais distintos, denominados Morro e Vale. A distância do Morro para o Vale é de aproximadamente um quilômetro. No Morro, residem os habitantes de raiz africana, e no Vale, famílias, em sua maioria, descendentes de europeus (açorianos).

² Entrevista realizada na residência da Sra. Jordina Machado, na Rua Geral do Morro do Fortunato, Macacú, Garopaba/SC, em 16/02/2013.

³ Entrevista realizada na residência do Sr. Laudelino Antônio Teixeira, na Rua Geral do Ouvidor – Limpa – Garopaba, em 17/02/2013.

Em entrevista com o Sr. Maurílio Machado, bem como através de conhecimentos prévios, percebeu-se que a constituição do Morro do Fortunato aconteceu de forma bastante distinta da outra comunidade quilombola do município de Garopaba, a Aldeia. No caso do Morro do Fortunato, foi um único núcleo familiar que iniciou o povoamento do local, enquanto, na Aldeia, as famílias foram passando a morar próximas umas das outras através de casamentos, por compadrio ou aleatoriamente.

No caso do Morro do Fortunato, o grupo ainda se mantém praticamente no mesmo espaço geográfico desde a chegada de Joana Maria de Jesus e seu filho Fortunato Justino Machado. Ainda hoje, em uma faixa de terra com cerca de 700 metros de comprimento por 200 metros de largura, vivem as cerca de 35 famílias de remanescentes quilombolas.

A Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato está localizada no município de Garopaba, mais especificamente nas proximidades da Lagoa do Siriú. Essa comunidade desenvolveu-se nas terras que pertenceram a Marcos Vieira, que as doou para sua escrava Joana Maria de Jesus e seu filho. Segundo Maurílio Machado, tataraneto de Marcos Vieira e bisneto de Fortunato Machado,

O primeiro fundador do grupo foi Fortunato Justino Machado, meu bisavô, que foi o tronco e mestre do grupo. Ele veio de Paulo Lopes, mas o pai dele, Marcos Vieira, é nativo do Pântano do Sul, em Florianópolis. Isso foi identificado por um historiador da Universidade Federal de Santa Catarina, que descobriu que ele veio de lá. Então o Marcos Vieira, que era o dono da escrava Joana, veio de Florianópolis morar em Paulo Lopes e ele devia ser um homem bem, era senhor de escravos⁴.

Para fazermos uma leitura mais clara quanto à constituição do grupo em questão, foram necessárias algumas horas de entrevista e conversas descontraídas com o Sr. Maurílio Machado. Nas narrativas do entrevistado, ele afirma que sua tataravó, Joana Maria de Jesus, era escrava e trabalhava na propriedade de Sr. Marcos Vieira, em Paulo Lopes. Além disso, ele afirma que sua tataravó teve um filho com o Sr. Marcos Vieira – homem branco, dono de engenho e senhor de escravos.

⁴ Entrevista realizada na residência do Sr. Murílio Machado, na Rua Geral do Morro do Fortunato, Macacu, Garopaba/SC, em 16/02/2013.

Nesse contexto, é válido mencionar que, no município de Paulo Lopes, também existe uma comunidade de remanescentes quilombolas, denominada Toca. Assim, podemos inferir que havia um número considerável de escravos na região, pois os quilombos de Morro do Fortunato, Aldeia e Toca, embora localizados em municípios diferentes, estão bastante próximos geograficamente.

Voltando à constituição do Morro do Fortunato, vejamos o que relata Maurílio Machado:

A história é assim: Joana e seu filho Fortunato vieram morar aqui no morro quando o menino tinha mais ou menos 10 anos e já eram libertos. Na verdade quando Fortunato nasceu ele não era mais escravo, já nasceu na Lei do Ventre Livre; a Joana é que era escrava. Aí então o Seu Marcos Vieira deu esse pedaço de terra para eles virem morar aqui, esse pedaço de terra foi uma herança que ele deu para não dar problema para ele. Esta terra ele doou para seu filho Fortunato, antes de morrer.

Mediante as informações do Sr. Maurílio, observa-se que Marcos Vieira, o dono da escrava Joana, para “invisibilizar” o filho que tivera com ela, colocou-os nesse pedaço de terra, longe de vizinhos e embrenhados no mato. Provavelmente um dos motivos que levaram Marcos Vieira a se “livrar” de Joana e seu filho seriam os traços genéticos que o menino carregava. Tal qual o pai, ele tinha olhos azuis, evidenciando o processo de miscigenação. Tais características físicas do menino possivelmente lhe “tiravam o sono” e chamavam a atenção da comunidade branca.

Esses traços genéticos permanecem até hoje em alguns dos moradores do Morro do Fortunato, que carregam tanto a marca da procedência negra africana, quanto certas características do branco europeu. Alguns, como o Sr. Fortunato Machado (bisneto de Marcos Vieira), têm pele negra e olhos azuis, o que exterioriza uma relação de descendência com os povos europeus. Segundo dizem, seus olhos são herança genética de seu avô, o velho Fortunato, fundador do grupo.

Um dos questionamentos feitos ao Sr. Maurílio foi a forma como o grupo se formou, como foram os casamentos, se pessoas de outras comunidades negras vieram para cá ou os membros do Morro casaram-se e foram morar em outros lugares. Segundo o entrevistado, “A primeira mulher que veio de fora para cá foi a esposa do meu bisavô Fortunato Machado, filha de uma família negra de Imbituba. Lembro também do meu avô Lourenço, que era casado com a Rita, que veio do Mirim [Imbituba]”.

Essas pessoas foram morando umas perto das outras, ocupando a terra de Fortunato Justino Machado, e esse costume perdura aos dias atuais, conforme informa o Sr. Maurílio:

Todos moraram aqui. Dessa casa que morava ele [Fortunato Machado] e a mãe foram fazendo as casinhas e todos os filhos ficaram aqui nos arredores. O João Fortunato morava do lado da casa do pai, o Lourenço morava mais separado, o Manoel morava no outro lado, o Anastácio morava lá do outro lado, a uns 200 metros ali perto da Rita, o Anastácio morava ali, o Daniel morava lá em cima, o Inácio morava lá do outro lado, mas era como é hoje, um pertinho do outro⁵.

Percebe-se que a linhagem familiar é marcada por casamentos consanguíneos, bem como pelo matrimônio de homens da comunidade com mulheres oriundas de Mirim e Nova Brasília, no município de Imbituba. É inquietante o fato de se deslocarem para Imbituba para arranjar casamento, já que as localidades em questão ficam a uma distância aproximada de 30 quilômetros. O Sr. Maurílio não soube explicar exatamente por que isso acontecia, mas sabe que, depois que o primeiro casou, os outros foram casando com as outras parentes.

Questionou-se o porquê de se casarem entre si, os chamados casamentos consanguíneos, ao que o Sr. Maurílio foi muito espontâneo ao responder:

Acontecia, acontecia mesmo. É que na verdade eles se gostavam, porque eram umas negras bonitas, quando eles casavam era porque as negras eram bonitas mesmo, então eles garravam pra não saírem daqui. O meu pai casou com a filha do Lourenço, que era prima-irmã dele, e o tio Natinho, que era irmão do pai, casou também com uma prima-irmã e daí foi. Hoje em dia é difícil isso acontecer, o último que casou mais moço aí foi o Nico que casou com uma prima-irmã, que é a Maura. Isso faz uns 15 anos. Hoje em dia tá mais misturado, tu vê, o meu filho casou com uma moça branca lá da Palhocinha, hoje tá assim.

Assim, por meio da entrevista realizada com o Sr. Maurílio Machado foi possível conhecer aspectos ímpares da formação do grupo quilombola do Morro do Fortunato, evidenciando que os chamados quilombos modernos têm razões de ser distintas

⁵ Entrevista realizada na residência do Sr. Murílio Machado, na Rua Geral do Morro do Fortunato, Macacu, Garopaba/SC, em 20/02/2013.

daquelas outrora cultuadas, ou seja, nem sempre foram locais de fuga e esconderijo. No caso específico do Morro do Fortunato, o “ajuntamento” se deu, a princípio, pela inconveniência de um homem branco (e provavelmente casado) ter um filho com uma escrava e que, para “complicar” ainda mais a vida do senhor, nasceu com olhos azuis.

O quilombo surge, então, como um lugar capaz de invisibilizar perante a sociedade branca a miscigenação que então se apresentava. Depois os fatos tomaram seu próprio rumo: casamentos com negras de outras comunidades, mais especificamente, de Imbituba, e casamentos consanguíneos desenharam a constituição da Comunidade do Morro do Fortunato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, entende-se que o desenvolvimento deste estudo encontra sua relevância na emergência que a questão dos negros no Brasil requer, já que somos um país miscigenado que ainda não se reconhece etnicamente. Portanto, afirmar nossa identidade é uma das formas de valorizar nossa cultura. No que se refere às questões raciais, é importante ressaltar que sempre que houver a oportunidade de as pessoas se sensibilizarem, mudarem suas práticas, em prol dos desafios da luta antirracista no cenário social, implicará uma conquista, que não se encerra em si, mas é um caminho a trilhar, fundamental para a conquista histórica do reconhecimento e a formação da identidade do povo negro no Brasil – principalmente a luta do reconhecimento das comunidades quilombolas.

Inserese dessa maneira uma discussão em torno do reconhecimento dos remanescentes de quilombos que conquistaram uma dimensão de direitos e cidadania. Nessa discussão, a busca do desenvolvimento social enfatiza a luta pela liberdade, cidadania e direitos, possibilitando a construção de uma identidade social específica. Da mesma maneira, propõem-se a construção e manutenção da memória coletiva, da terra e do espaço cultural construído pelos negros escravos e seus descendentes.

Assim, a comunidade de remanescentes de quilombo do Morro do Fortunato começa a escrever sua outra história, uma história culturalmente rica e que vem se tornando motivo de orgulho não só para seus moradores, mas também para as comunidades ao redor. Buscou-se, portanto, compreender e verificar as formas de interação entre o grupo e as comunidades do entorno, bem como a

organização interna do mesmo. Além disso, procurou-se perceber as sutilezas do reconhecimento e o balizamento de fronteiras e sua relação com a afirmação da identidade afro-brasileira no contexto das relações políticas, sociais e hierárquicas.

Assim, encontra-se a visão de uma história construída a partir das lutas sociais e da interação entre culturas. O estímulo para estudos dessa categoria emerge da possibilidade de narrar a história de nossos pares, a história que nos circunda e enche nossa vida de sentidos. Conhecer a história das comunidades quilombolas nos permite conhecer melhor a história do Brasil e de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.
- BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 11 ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARTUNG, Miriam Furtado. **Nascidos na fortuna - o grupo do Fortunato**: identidade e relações interétnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral catarinense. Florianópolis, 1992. 213f. Dissertação [Mestrado] – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas.
- LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Textos e Debates**. Florianópolis, NUER/UFSC, n. 7, 2000.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

